

assim o diz. Mas talvez não seja a ele que a voz fala — talvez haja outro. A voz, ora muito longe, ora sussurrando-lhe no ouvido, não afirma que quem está deitado de costas na escuridão está só. Apenas repete: você está deitado de costas na escuridão; você viu a luz pela última vez no dia tal, e está deitado de costas na escuridão. E, na escuridão, esse ser que não sabe se é a ele que a voz fala tem vislumbres de sua vida passada, de sua infância, adolescência, maturidade — fracos vislumbres, apenas os necessários para dar-lhe algum vestígio de identidade.

Este é o trecho, se assim se pode chamar, de *Companhia*, o último romance (1980) de Samuel Beckett e aparentemente a última etapa na progressão de seus personagens numa inexorável jornada para a solidão, o imobilismo e o aniquilamento. Nesta, como em suas últimas obras, já não há cenários, diálogos, gestos, nada: apenas o

ser humano despido de todas as suas vestimentas físicas e ambientais, reduzido às mais elementares das questões — por que, sem o ter solicitado, fui lançado neste mundo; quem sou, que quero dizer quando digo “eu”; para onde me encaminho? São perguntas que os homens se fazem desde que existem, e que de tanto repetidas já viraram lugares-comuns, apesar de nunca terem sido respondidas. Mas Beckett não teme repeti-las. Ao contrário da maioria dos outros autores, que escrevem obras — mesmo as superiores — mais digeríveis, falando de coisas que interessam mais imediatamente ao homem — a ambição, o poder, o dinheiro, o amor, o sexo — ele reduz seus personagens à condição mais elementar, mais destituída, de vagabundos, aleijados, velhos decrépitos, habitando lugares improváveis como latas de lixo e cilindros de borracha. Esses seres, que tocaram o fundo da escala social e existencial, se encontram